

## **“FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL”: UM LABORATÓRIO DE TEORIA ECONÔMICA APLICADA<sup>1</sup>**

*Fernão Pompêo de Camargo Neto<sup>2</sup>*

“Formação Econômica do Brasil”, de Celso Furtado, publicado pela primeira vez em 1959, se constituiu na obra-prima da literatura econômica brasileira.

Na Introdução que escreveu para seu livro, apresenta-o o autor como sendo um texto que “sugere um conjunto de temas que poderiam servir de base a um curso introdutório ao estudo da economia brasileira”, destinado às pessoas — aos “estudantes de ciências sociais, das faculdades de economia e filosofia [que eram os cursos em voga na época] em particular” — que, em número crescente, desejam “tomar um primeiro contato em forma ordenada com os problemas econômicos do país”. O conteúdo deste livro, aponta ele, tem pretensão tão-somente de se constituir “num esboço do processo histórico de formação da economia brasileira”, tendo, todavia, como preocupação central, “descortinar uma perspectiva o mais possível ampla”. Isto porque, em sua opinião, “sem uma adequada profundidade de perspectiva torna-se impossível captar as inter-relações e as cadeias de causalidade que constituem a urdidura dos processos econômicos”.

Celso Furtado constrói, ao longo de sua obra, uma série de modelos interpretativos dos processos através dos quais foi sendo conformada a economia brasileira contemporânea, neles destacando os múltiplos condicionamentos a que ela esteve submetida em seu processo de gestação e moldagem.

Para ele, “a assimilação das teorias econômicas requer mais e mais ser completada, ao nível universitário, pela aplicação dessas teorias

1 Comunicação apresentada na Mesa nº 1 - *Teoria e História no Ensino de Economia*, no XIII Congresso da ANGE - Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Economia, realizado, em Aracaju - SE, no período de 28 a 30 de Outubro de 1998.

2 Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUC-Campinas), doutorando em Economia do IE/UNICAMP e Conselheiro do Co.R.Econ.-SP

aos processos históricos subjacentes à realidade na qual vive o estudante e sobre a qual possivelmente terá de atuar”.

Ao elaborar os esquemas interpretativos que apresenta, Celso Furtado procura criar condições para que os seus leitores — especialmente os estudantes universitários, aos quais tinha especialmente em mente ao escrever esta obra — possam melhor estruturar suas construções mentais, capacitando-os, progressivamente, à medida que os conceitos empregados sejam assimilados e a lógica interna dos modelos por ele apresentados seja apreendida, a interpretar os acontecimentos do passado, bem como, empregando métodos análogos, a analisar os processos econômicos, políticos e sociais em curso e a projetar cenários que permitam determinar o curso provável das tendências existentes, de forma tal que tenham possibilidades de projetar as trajetórias alternativas que possa a economia seguir rumo ao futuro.

Observa, ainda, o autor estar omitindo, no texto, quase totalmente, a bibliografia histórica brasileira, por escapar ao campo específico de seu estudo, que era “simplesmente a análise dos processos econômicos e não [a] reconstituição dos eventos históricos que estão por trás desses processos.” Todavia, aponta ele, nas notas de pé de página, 201 observações contendo referências bibliográficas, dados estatísticos, casos demonstrativos de suas afirmações, enunciados de conceitos, além de comentários diversos que, isoladamente ou tomados em conjunto, poderão se constituir em motivo de êxtase para os historiógrafos, economistas e outros cientistas sociais, ensejando-lhes, entre outros resultados, *insights* sobre situações a serem exploradas e estímulos ao desenvolvimento de análises histórico-comparativas, bem como ao levantamento de séries estatísticas que julguem relevantes para o aprofundamento de análises específicas.

Os diversos capítulos do livro — reeditado sucessivamente sem nenhuma alteração relativamente ao texto apresentado na 1ª edição, mesmo no que tange à correção dos eventuais erros de composição que contém — se constituem, cada um deles, uma vez usados como textos básicos em sala de aula, em extraordinários “laboratórios” de Economia aplicada, ensejando, ao serem “destrinchados” os modelos ou os esquemas interpretativos neles contidos, a assimilação de con-

ceitos e, numa abordagem crítica (fundamentalmente influenciada pela abordagem estruturalista cepalina), a aplicação direta da teoria econômica, chamando o professor a atenção sobre isto a cada passo e aproveitando a oportunidade para reforçar os conhecimentos que dela têm os alunos, para acompanhar as análises com base nela feitas pelo autor.

A título de ilustração, apresentamos a seguir alguns poucos exemplos, entre os muitos possíveis, sobre como pode o livro ser usado no sentido acima apontado:

- No capítulo IX, ao analisar a estrutura produtiva da economia açucareira do Nordeste, o autor oferece ao usuário do livro condições para a compreensão da forma como interagem, na definição da estrutura de produção dessa economia, diversos elementos importantes para a análise estrutural da produção do açúcar, que, para a realização de um estudo aprofundado têm bastante importância. Assim, apresenta ele, os conceitos inerentes a esses elementos, que são: a disponibilidade de fatores de produção, as produtividades física e econômica dos fatores de produção, as formas de crescimento (extensivo ou intensivo), a própria estrutura de produção e o papel desempenhado na definição da estrutura de produção pelas alternativas técnicas apresentadas pelo acervo de técnicas disponíveis. Através do conhecimento desses elementos, o economista pode compor funções de produção específicas para as diversas situações alternativas de combinação dos fatores de produção, para que se possa definir qual o processo produtivo mais adequado a uma dada situação existente de disponibilidade, e conseqüentemente de custo, dos fatores de produção e qual das combinações possíveis desses fatores é a que poderá trazer maior lucratividade para o empresário açucareiro (senhor de engenho). Com base nesses elementos, o professor, dando seqüência à aula, demonstra que o raciocínio desenvolvido em termos da economia açucareira do Nordeste pode ser transposto para análise equivalente em qualquer outro setor produtivo, a qualquer tempo.
- Nos capítulos XIII e XIV, por exemplo, ao se tratar da economia escravista mineira, existem boas condições para se mostrar, con-

frontando-se o seu grau de concentração (ou de distribuição, o que dá no mesmo) da renda com o existente na economia açucareira, como se comporta a estrutura da demanda nessas duas economias. Além disso, há também condições para se entender como a assinatura do Tratado de Methuen, em 1703, veio a contribuir para a desarticulação de uma estrutura produtiva manufatureira, que, mesmo sendo precária, possibilitava a Portugal condições de auto-suficiência no abastecimento do seu próprio mercado interno e do de suas colônias com os principais produtos comerciais da época, que eram os tecidos, e, ainda, como, em decorrência da desarticulação, no início do século XVIII, da estrutura manufatureira portuguesa, a quase absoluta ignorância, em termos de técnicas produtivas manufatureiras, dos colonos portugueses que vieram, especialmente em meados daquele século, para as regiões mineiras, impediu que, em momentos em que ocorreram circunstâncias favoráveis à implantação de atividades dirigidas ao suprimento do mercado interno regional, aproveitassem eles a oportunidade para o desenvolvimento de atividades manufatureiras locais.

- No capítulo XXVI, demonstra o autor como a substituição, na cafeicultura do Sudeste, do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, possibilitou a formação de uma massa de poder de compra que passou a se constituir — a partir do efeito multiplicador de emprego e de renda que desencadeou — no centro dinâmico de uma economia de mercado interno. É este um momento oportuno para uma revisão da teoria keynesiana do multiplicador e dos conceitos a ela inerentes.
- No capítulo XXVII, temos copiosas possibilidades de firmar conceitos e de desenvolver exercícios de teoria econômica aplicada. Isto pode ser feito através de uma revisão da teoria do padrão-ouro, através da análise dos efeitos distintos, em termos dos resultados das balanças comercial e de transações correntes, que vão ser ocasionados em situações de câmbio fixo (sistema de padrão-ouro) e de flexibilidade cambial. Há, ainda, condições para discussão das especificidades do ciclo econômico, analisando os distintos efeitos dele decorrentes para os países com economias industrializadas e para os países economicamente dependentes.

- No capítulo XXVIII, há oportunidades de se estudar os vários papéis que vai ter, em momentos de crise internacional ou de queda do preço internacional do café, a taxa flexível de câmbio: ao regular os desequilíbrios nas balanças comercial e de pagamentos; ao promover, via desvalorização da moeda, a defesa do nível de renda em moeda nacional dos empresários exportadores; ao “socializar as perdas” por ocasião da crise econômica cíclica, transferindo, através da sua elevação, parte do prejuízo que seria amargado pelos cafeicultores para o conjunto da população brasileira, que se via forçado a pagar mais caro por tudo que era importado, num momento em que mais de 50% das importações correspondiam a bens voltados ao atendimento de necessidades primárias (alimentos e tecidos), cuja demanda é inelástica; e ao funcionar como mecanismo de defesa do nível de emprego, e conseqüentemente do de renda, nos momentos de crise, ao estimular, através do mecanismo de “socialização das perdas”, os cafeicultores a continuarem colhendo o café.
- No capítulo XXX, analisa-se, entre outras coisas, o desequilíbrio estrutural existente entre oferta e procura no mercado cafeeiro internacional, uma vez que — enquanto houvesse terra e mão-de-obra em abundância, e portanto a baixo custo, no mercado de fatores e o preço do café se mantivesse, como conseqüência da política de valorização do café adotada pelo governo brasileiro, em níveis satisfatórios — o investimento na implantação de cafezais, na ausência de alternativas igualmente rentáveis de investimentos em outros setores, continuaria crescendo, mantendo elevados níveis de expansão da oferta. Enquanto isso, do lado da procura, por ser esta inelástica, o crescimento era extremamente lento, estando atrelado ao crescimento demográfico nos países consumidores, e ao aumento da taxa de urbanização da sua população. Mostra o autor, ainda, as conseqüências sofridas pelo país em decorrência do fato de estar, em 1929, por ocasião da crise, enquadrado no sistema de padrão-ouro, o que impediu que a taxa cambial pudesse ser usada como variável de ajuste do seu balanço de transações correntes, deixando nosso país, então, numa situação de extrema vulnerabilidade, assistindo-se nele, sem qualquer possibilidade de interrupção do processo, à fuga de capitais e ao estímulo à continui-

dade das importações. Isto se estendeu até o esgotamento da reserva de ouro que lastreava o mil-réis conversível, o que só aconteceu em dezembro de 1930.

Inúmeros outros exemplos análogos, mostrando como uma boa base conceitual e o domínio da teoria econômica são importantes instrumentos para a interpretação de textos econômicos, poderiam ser apresentados, abrangendo grande parte do livro. Entretanto, julgamos que a título de exemplos as amostras dadas sejam suficientes.

O processo, por nós relatado, de fazer do livro de Celso Furtado um laboratório de teoria econômica aplicada, se apoia, ao ser desenvolvido em sala de aula, em questionários sobre cada um dos capítulos a serem estudados — que são apresentados aos alunos antes que eles procedam a leitura prévia do texto —, contendo uma série de questões relevantes sobre o capítulo a ser discutido, relativamente a conceitos e à análise, com base em conhecimentos teóricos, das situações abordadas pelo autor. Podem estes questionários, inclusive, em muitos dos capítulos, ser usados como roteiros de aula.

É, ainda, importante ressaltar que, durante o curso de “Formação Econômica do Brasil” desenvolvido nos termos apresentados nesta comunicação, para cada novo capítulo a ser estudado, o professor apresenta, como “pano de fundo” para o estudo do mesmo, de forma sintética, uma abordagem histórica apoiada em outros autores que estudaram o contexto histórico do período em estudo.